



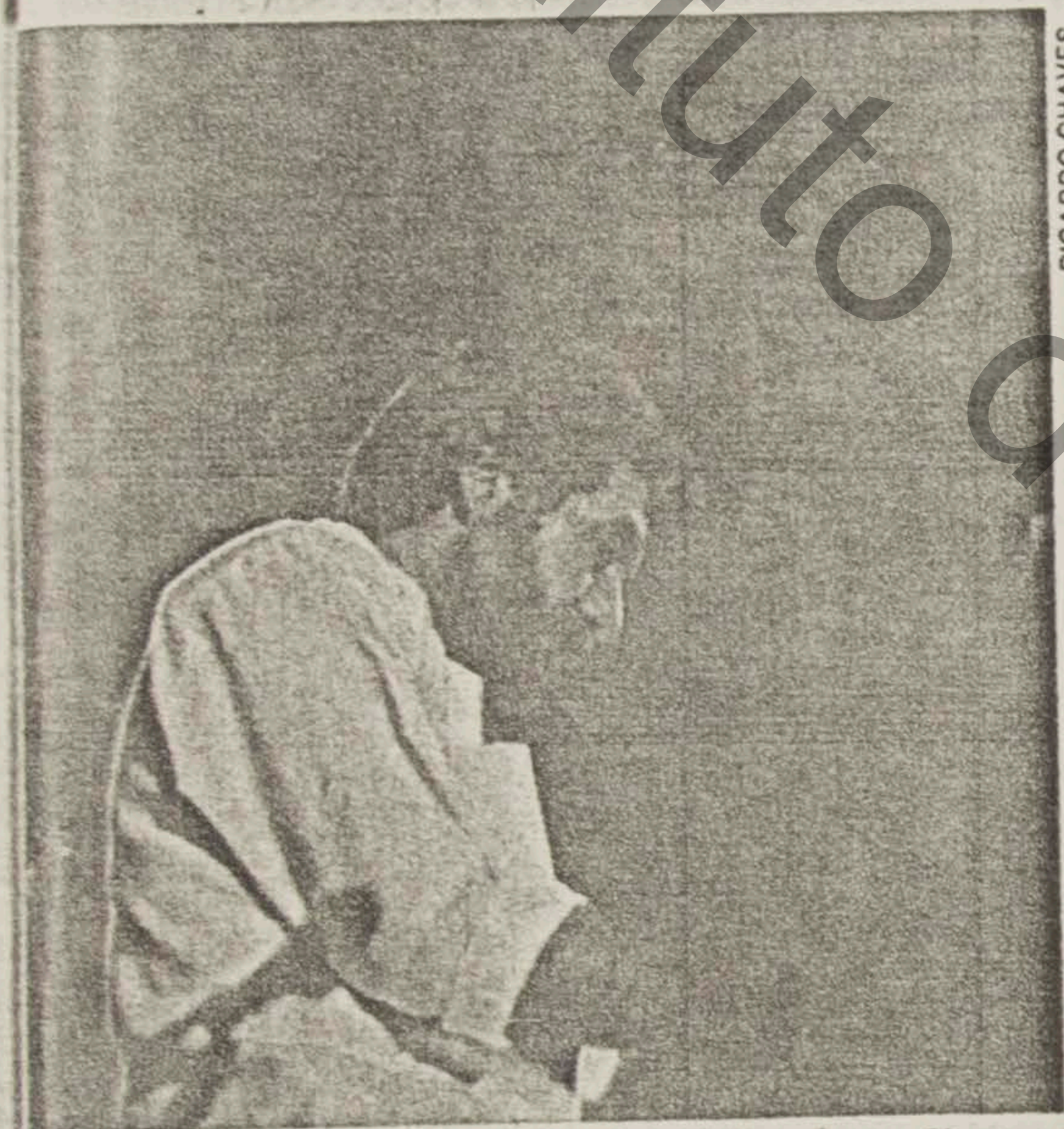
Marcos Ariel: fertilidade

ANTONIO AUGUSTO FONTES

Tapajós, notável violonista, com enorme prestígio internacional, faz da virtuosidade e do cruzamento entre música de concerto e música popular sua pedra de toque, vide *Tocata para Billy Blanco* e *Prelúdio do Entardecer*. O parceiro Peranzetta, bom tecladista, não consegue sair do normal, apesar de algumas faixas excelentes como *Lado a Lado* e *Cheio de Graça*.

O caso César Camargo Mariano já é bem mais complexo. Músico experiente, Mariano parece definitivamente ter desistido de dar murros em ponta de faca. Ousa pouco, apesar de sua parafernália de instrumentos eletrônicos. Prefere aquela avenida da música instrumental que caminha para o som ambiente. Sem ofensas, já que os arranjos são excelentes e criativos – mas não há como escapar desta sensação.

João Marcos Coelho ▲



César Camargo: pouca ousadia

RICARDO CHAVES

ARTE

Euforia e vigor ao quadrado

HERMELINDO FIAMINGHI

• Galeria Montesanti, São Paulo

Em italiano, os *fiaminghi* são os flamengos, o povo da região das Flandres – no entroncamento da Bélgica com a Holanda –, onde se viveu, tão magnificamente, o outono da Idade Média. Foi mais ou menos nessa época que alguns *fiaminghi* desceram para a Itália. Gente do Norte, portanto; mas, a julgar por

Hermelindo Fiaminghi, pintor paulista de 68 anos, uma gente que se meridionalizou inteiramente. Das origens, Fiaminghi tem a figura e o colorido rubicundo, que poderiam figurar em algum quadro do belgo-holandês Frans Hals (1581-1666). No resto, ele é um peninsular festivo e barulhento como todos, expansivo, alegre, bebedor, inteligente e irônico. O que, paradoxalmente, não o impede de ter participado, em meados da década de 50, do mais intelectual e programado movimento de arte no Brasil: o concretismo.

Junto com Luís Sacilotto – que, por coincidência, também está expondo em São Paulo neste momento – e Waldemar Cordeiro – que morreu em 1973 –, ele fez parte da tríade de estrelas do concretismo. Mas é claro que, tendo sido concretista, Fiaminghi não abandonou o terreno da geometria. Seria um retrocesso. Seus quadros atuais se baseiam em estruturas quadriculadas. Elas estão lá só para balizar, e vão sendo escamoteadas à medida que o ato de pintar se desenvolve.

Para Fiaminghi interessam, hoje, a cor vibrante, a luz que vem do fundo para a frente da tela, a euforia no conjunto e o prazer do gesto, que é vigoroso e flutuante. É sempre surpreendente ver um homem de 68 anos dar provas de tanta vitalidade e alegria. Mas a obra é a vida de Fiaminghi. “Estou feliz por ter chegado assim até aqui, sempre pintor”, comenta ele. “Todas as opiniões sobre meu trabalho, favoráveis ou desfavoráveis, me interessam, pois estou apenas no começo”, arremata.

Olívio Tavares de Araújo ▲

mental brasileira. A avenida mais radical – e por isso mesmo bem mais instigante – é a do tecladista carioca Marcos Ariel, um talentoso músico que vem perseguindo com obstinação uma carreira independente. Excepcionalmente bem-gravado, *Terra do Índio* é, sem dúvida, um dos mais bem sucedidos discos instrumentais da temporada. A faixa-título, por exemplo, mostra não só a criatividade de Ariel como também um notável solo de contrabaixo por João Batista. *Choro Voador*, uma homenagem explícita ao falecido maestro Radamés Gnattali, é também uma homenagem implícita ao saxofonista Paulo Moura – pela sonoridade e construção do tema. O lirismo de *Lua Branca* – um tema lento que foge do lugar-comum – e a vibração de *Alice no Frevo* completam a fertilidade do álbum.

O mesmo não acontece com a dupla Sebastião Tapajós/Gilson Peranzetta, que sofre de um mal: a previsibilidade.

ISTOÉ 11/5/1988

EDU GARCIA



O concretista Fiaminghi, aos 68 anos: vitalidade